

*Não sou crítico de Arte. Assumo a minha relação com os artistas e o mercado da Arte. É nesta qualidade que penso poder escrever este texto sobre a amais recente pintura de Tereza Trigalhos e que, há pouco, me foi dada a ver. Julgo (penso) que a sua obra se disputa entre dois campos que se me afiguram essenciais: o oficial e o mental.*

*No primeiro encontramos todo um trabalho que se desenvolve sem recurso a estudos prévios, esboços ou outras notas de um qualquer registo. Tereza Trigalhos parte para a tela branca e, sobre ela, inicia a aventura da criação. É certo que a autora assume aqui a sua relação com o suporte onde deposita toda a sua criatividade. É um momento, naturalmente, íntimo. Vedado aos olhos curiosos de quem gostaria de estar presente sem ser visto e, assim, conhecer os meandros do seu fazer pictórico.*

*Se, por outro lado, a pintora deixasse que alguém testemunhasse o nascimento de uma sua obra, acredito que o momento da criação se transformasse numa barreira intransponível para a artista. Há momentos que não se podem partilhar com ninguém. Estamos, e queremos estar, absolutamente sós. É, precisamente, aqui que começa a aventura da Arte. Por isso, para quem está de fora, é preciso saber olhar para aprender a ver. Daqui em diante surge – em meu entender – a vertente mental. Tereza Trigalhos imagina toda a cena com a representação de figura em levitação. Os corpos que sugere encontram-se em planos objectivamente diversos daqueles a que estamos mais habituados a ver. Assim, todas as imagens, encontram-se num espaço que não é definido por horizonte e céu, surgem em planos oblíquos, em palcos nem sempre definidos. Apenas sugeridos.*

*Em Tereza Trigalhos as figuras assumem dimensão na diagonal do suporte. Nunca confrontam o observador de frente, olhos nos olhos. Elas evitam o contacto connosco. São fugazes na passagem por nós. Iludem na dimensão o observador, que é impelido a seguir o movimento aparente que as figuras parecem descrever.*

*Estes retratos (poderei chamá-los assim?) lembram as sibilas de Miguel Ângelo, na Capela Sistina. Quando olhamos para cima elas quase se abatem sobre nós. Foi isso mesmo que ensaiei. Peguei num quadro desta exposição ergui-o, acima da cabeça, com dois braços e olhei-o como se estivesse no tecto. O que vi? Uma figura pairava sobre mim como que a proteger-me. Mas, proteger-me de quê? Da ousadia de escrever sobre a sua criadora? Da miopia de quem muitas vezes observa e não enxerga. Ou, simplesmente, de quem julga que olhar é ver?*

*Fica a interrogação. A resposta só Tereza Trigalhos poderá dar. E, vem reproduzida nas páginas deste catálogo.*

*Fevereiro, 2003*